

UMA REFLEXÃO SOBRE A IMPORTÂNCIA DA LEITURA PARA A AQUISIÇÃO DA ESCRITA ALFABÉTICA: ESTUDO DE CASO

Nara de Lourdes de Oliveira Pereira ¹
Francisca Samaritana Saudita de Oliveira Veras ²

RESUMO

O presente artigo traz resultados de uma pesquisa sobre a importância da leitura para aquisição da escrita. A leitura se manifesta em nossas vidas de forma bastante intensa, ela está relacionada a muitas de nossas atividades em casa, no trabalho, no lazer e em diversos momentos de nosso cotidiano. Diante desse cenário, surgem nossas indagações: será que a leitura realmente contribui de maneira significativa para o processo de alfabetização? O presente trabalho tem como objetivo geral compreender que importância é atribuída à leitura ao processo de alfabetização a fim de analisar o potencial do letramento e sua valorização nas práticas pedagógicas. Utilizamos como método a pesquisa qualitativa e o estudo de caso. Nos respaldamos nos estudos de Ferreiro e Teberosky (1986), Mendonça & Mendonça (2008), Soares (2016), Vallance (1719) entre outros. Esta pesquisa nos possibilitou conhecer a realidade em que os professores trabalham e como eles conseguem realizar as suas aulas e os problemas que são enfrentados no dia a dia da escola, tanto da parte pedagógica como as dificuldades que envolve a participação da família.

Palavras-chave: Alfabetização, leitura e escrita, práticas pedagógicas.

INTRODUÇÃO

A leitura se manifesta em nossas vidas de forma bastante intensa, ela está relacionada a muitas de nossas atividades em casa, no trabalho, no lazer e em diversos momentos de nosso cotidiano, como uma simples ida ao supermercado, ao *shopping*, na leitura de um bilhete, de uma carta, de um cartão postal, dentre muitos outros. Lemos revistas e jornais para obter informação sobre os acontecimentos do mundo, da política, da economia, rótulos de produtos para identificar seus ingredientes e prazos de validade, manuais para orientar a utilização de determinados produtos, *e-mails* para interagir com pessoas do outro lado do globo, piadas, romances e contos como forma de entretenimento.

Nesse sentido, identificamos que a leitura é imprescindível ao processo de emancipação do indivíduo. Ela é uma ferramenta muito importante para o desenvolvimento humano dentro de um contexto social, pois é o ato de ler que nos fornece subsídios que

¹ Graduada em pedagogia pela Universidade Federal do Piauí – UFPI nara.nr@hotmail.com;

² Mestranda do Curso de ciências da educação pela Universidade Autônoma de Assunção – UAA, eng.agroveras@hotmail.com

promovem a inserção na realidade de forma consciente e crítica e, assim, podermos exercer nosso papel de cidadãos participativos na sociedade. Mas, para que isso aconteça é preciso que estejamos sempre em contato com esta prática, desenvolvendo-a e estimulando-a nas mais diversas atividades do nosso dia-a-dia, sendo assim, fica muito mais fácil a assimilação das coisas, com possibilidade de englobar os mais altos e complexos níveis de conhecimentos.

Diante desse cenário, surgem nossas indagações: será que a leitura realmente contribui de maneira significativa para o processo de alfabetização? Será que as instituições desenvolvem projetos e disponibilizam os mais variados recursos para incentivar as práticas de letramento, com isso, promover o exercício ativo dos educandos na consolidação dos processos de alfabetização? Buscamos também analisar o papel da leitura, seus mais diversos aspectos e possibilidades enquanto prática de letramento, haja vista que existe a necessidade, por parte de todos os envolvidos de uma maior conscientização e incentivo a essa prática. Portanto, qual seu papel social? Qual a relação entre a imersão dos sujeitos nas práticas de letramento e a construção da cidadania, levando em conta, como assinala Freire (2011, p. 83-84), que “a leitura do mundo precede mesmo a leitura da palavra. Os alfabetizados precisam compreender o mundo, o que implica falar a respeito do mundo”.

O presente trabalho tem como objetivo geral compreender que importância é atribuída à leitura ao processo de alfabetização a fim de analisar o potencial do letramento e sua valorização nas práticas pedagógicas. Propomos, ainda, investigar as possíveis barreiras que impedem a formação de sujeitos leitores, analisar a maneira como a leitura é estimulada dentro do espaço escolar e demonstrar a sua importância para nossa vida.

METODOLOGIA

Na presente sessão descreveremos a metodologia utilizada no estudo, considerando-a de suma importância para a produção dos dados, pois possibilitou a análise da realidade para além das aparências, em parceria com as professoras participantes. O estudo sobre leitura na sala de aula que promovemos impulsionou-nos para uma abordagem centrada no diálogo e na participação, considerando os elementos políticos, estruturais, organizacionais e conceituais que interferem nas práticas docentes. Assim, o entendimento de que partimos é de que é preciso considerar a complexidade da realidade educativa, situada em tempo e espaço multifacetado, implicada politicamente na sociedade.

Para a realização desse estudo, escolhemos desenvolver uma pesquisa de caráter qualitativo, haja vista que essa abordagem, além de ter o ambiente natural como fonte para se

produzir os dados, nos permite um contato direto com os sujeitos da pesquisa. Bogdan e Biklen (1982) em seu livro “A pesquisa qualitativa em Educação”, afirmam que “[..] a pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, via de regra através do trabalho intensivo de campo” (1982, p. 11). Esse tipo de pesquisa, também nos permite trabalhar com técnicas capazes de produzir dados subjetivos, expressos pela linguagem, tais como a observação participante, a entrevista e análise de documentos. A partir desses procedimentos é possível produzir vasto material, muito rico nas descrições dos fatos, dos sujeitos e dos acontecimentos, incluindo, também, transcrições de narrativas e depoimentos, desenhos, fotografias e extratos de vários tipos de documento.

De acordo com o objetivo proposto para a pesquisa, optamos por desenvolver uma abordagem qualitativa com o foco no Estudo de Caso do tipo Etnográfico, pois acreditamos que esta é a forma mais apropriada para chegarmos às respostas das nossas perguntas, haja vista que nela o pesquisador ou pesquisadora deverá realizar a maior parte do trabalho de campo pessoalmente, emergindo no contexto da pesquisa, interagindo, trocando saberes e práticas, influenciando e sendo por ele também influenciado no processo reflexivo. Firestone e Dawson (1981) comentam alguns critérios apresentados por Wolcott (1975) sobre a abordagem etnográfica, dentre eles, destacam a importância do relatório etnográfico, pois essa escrita sistematizada apresenta grande quantidade de dados primários. Além de descrever a situação estudada, o estudo etnográfico nos traz muito material produzido pelos informantes, como por exemplo, histórias, canções, frases tiradas de entrevistas ou documentos, desenhos e outros produtos que possam trazer à tona a realidade dos e para os participantes, isto é, a sua maneira de ver o mundo e as suas próprias ações.

PRÁTICAS DE LETRAMENTO E O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: UM OLHAR SOBRE OS MÉTODOS

A busca do professor por novas maneiras de educar vem se tornando uma obrigação nos dias atuais, pois as transformações da sociedade geram novas demandas para a formação do indivíduo, sejam àquelas voltadas às exigências do mercado de trabalho, sejam àquelas relacionadas a própria pessoa enquanto ser social, cultural e político. Portanto, torna-se necessário que o professor esteja aberto para propostas metodológicas inovadoras, desenvolvendo técnicas que facilitam a aprendizagem, mas para que isso concretize-se em

sala de aula o educador deve fazer uma análise de como é o perfil da sua turma, e as suas peculiaridades.

O professor alfabetizador, na contemporaneidade, vem sendo muito cobrado pela sociedade em geral e, em muitos casos, a principal cobrança vem da família, haja vista que o processo de alfabetização gera certa ansiedade nos pais que desejam ver logo seu filho ou filha escrevendo e lendo o próprio nome e outros escritos. Entretanto, esses mesmos pais, por vezes, esquecem de procurar entender o trabalho pedagógico necessário ao processo de alfabetização, bem como as peculiaridades inerentes a realidade de cada grupo de educandos, pois muitas vezes os ritmos de aprendizagem são diferentes, e o professor precisa ser bastante dinâmico para atender a estas particularidades, respeitando as fases e hipóteses de escrita apresentadas pela turma.

A alfabetização no Brasil sofreu diversas transformações, tanto nos métodos quanto nas leis criadas. De acordo com Ferreiro e Teberosky (1986), no início do século XXI, foi muito falado do fracasso escolar, tendo como o grande vilão as séries iniciais do Ensino Fundamental, que eram chamadas de classe de alfabetização e todo esse fracasso se dava por conta de muitos professores direcionarem o ensino para as avaliações escritas, que busca saber se o aluno foi capaz de decorar os conteúdos e reproduzi-los nas provas, e como sabemos isto acontece frequentemente nesse modelo de escola tradicional, herança da Pedagogia Jesuítica trazida para o Brasil em seu processo de colonização. Tornou-se lugar comum discursos que evidenciam casos de crianças que ingressam no Ensino Fundamental das séries finais sem saber ler ou escrever e acabam chegando ao Ensino Médio sem de fato consolidarem o letramento, o que implica em baixa perspectiva para o ingresso no Ensino Superior e, aliado a essa realidade associa-se, em muitos casos, as dificuldades econômicas e a necessidade de adentrar precocemente no mercado de trabalho, querendo apenas terminar o Ensino Médio para trabalhar e ajudar a família.

Ainda segundo Ferreiro e Teberosky (1986), nos anos de 1980, a leitura era a principal forma de saber se uma criança já estava alfabetizada e a escrita era realizada apenas por meio de ditados e cópias, ou seja, não se observava maior interesse em fazer com que o sujeito fosse capaz de realizar uma leitura crítica, com interpretação do que havia lido, e o professor era o único que realizava as interpretações da sua forma, sem ter as preocupações que alguns educadores tem com os seus alunos nos dias atuais, relativas a capacidade de compreensão do texto. A partir da conscientização de que a alfabetização não se reduz a codificar e decodificar o signo escrito, mas amplia-se para as práticas de letramento, que significa ser capaz de fazer uso social da escrita, tendo um olhar mais amplo para as diversas

áreas que pode envolver esse processo, pois abrange o comportamento do indivíduo e a sociedade que o mesmo está inserido, vemos impulsionar mudanças nas práticas do professor. Portanto para o professor promover e mediar processos de alfabetização precisa conhecer a realidade de cada um, procurando adequar sua ação docente à essa abordagem de alfabetização na perspectiva do letramento.

Soares (2016), ao analisar a história dos métodos de alfabetização, relata que em 1970 o autor Frank Smith fala que a criança poderia ler de forma simples tal como aprende a falar, e diz que o processo da aprendizagem da escrita seria semelhante ao da fala, pois seria natural, começando a partir do mundo que lhe rodeia. Sendo assim podemos compreender que a criança passa a ter uma interpretação de tudo que vivencia e que lhe causa curiosidade, se tornando mais interessante e motivador para ela. Mas, logo surge a questão de que a fala é um processo natural, ou seja, inato, enquanto que a escrita é um processo cultural, portanto ressalte-se a importância do professor nesse processo para ajudar na construção dessa aprendizagem.

Surge, no entanto, a questão dos métodos que são utilizados por professores diariamente nas salas de aula, haja vista que os métodos são muito importantes para que os discentes possam, em sua fase de aprendizagem, ter maior domínio da leitura e escrita. Portanto, os métodos não levam apenas para uma forma de pensamento, eles geram uma teia de ideias e formas que o alfabetizador e o alfabetizando traçam durante o processo da aprendizagem. Ainda segundo Soares (2016), são vários os fatores que podem intervir nas práticas e nos métodos, tais como: o meio social que a escola está localizada, o nível econômico e a inserção na cultura letrada. Esses fatores citados fazem parte de todo o processo educativo, pois sabemos que a escola como responsável por oferecer uma aprendizagem aos seus alunos e alunas precisa, a partir do diálogo e diagnóstico desse contexto social e cultural, intervir na realidade de modo planejado, propondo espaços participativos, valorizando os saberes locais e identificando o que acontece na parte interna e externa dessa instituição e que interfere diretamente nos processos e nas práticas escolares. Portanto, os métodos, enquanto conjunto de procedimentos fundamentados em teorias e princípios linguísticos e psicológicos, são flexíveis em diferentes práticas alfabetizadoras, sempre buscando superar as dificuldades enfrentadas pelos alunos e considerando o contexto social, cultural e político desses sujeitos.

Segundo Mendonça & Mendonça (2008) os métodos de alfabetização surgem na Antiguidade e o mais utilizado foi a soletração, denominado método alfabético ou ABC. A soletração era um processo muito lento, pois as crianças tinham que decorar as 24 letras do

alfabeto grego, só após isso era apresentada a elas a forma gráfica e o seu valor sonoro. Após a memorização das letras os aprendizes passavam a estudar as famílias silábicas e depois passavam para textos, na sistemática de progressão (letra, sílaba, palavra e texto).

Isso nos faz refletir que já na Antiguidade e, posteriormente, na Idade Média, haviam pessoas preocupadas com as formas de ensinar, conforme apresenta Araújo (1996 *apud* MENDONÇA & MENDONÇA, 2008). A autora fala que foi possível observar em peças de museu letras escritas em couro, tabuletas de couro ou madeira, tecido e até mesmo em ouro, como a leitura e escrita já surgia dando diferentes possibilidades de expressar os conhecimentos, mesmo que na época não fosse dada tanta importância ao processo de aprendizagem das crianças e, em como elas poderiam aprender a ler e escrever. Para Mendonça & Mendonça:

Analisando imagens da época, é possível observar textos miniaturizados que possibilitam o descobrimento do modo como se dava a alfabetização e que tipo de materiais eram utilizados. Através dessas análises descobriu-se que o processo de ensino ocorria em dois níveis: o do alfabeto e o dos primeiros textos. Os textos usados tinham um cunho religioso, todos escritos em latim (Ibid., p. 21).

Ainda, na perspectiva de Mendonça & Mendonça (2008), já no século XVI, o método da soletração começa a ser questionado por pensadores da época que criticavam a forma que as crianças eram alfabetizadas, mas eles seguiam a mesma linha de pensamento do método da soletração. Por exemplo, na França, Pascal ensinava o alfabeto, mas focalizando o som da letra, com o intuito de facilitar a soletração e, assim, foram surgindo outros métodos, como o de Vallange (1719), que cria o método fônico cujo objetivo era acentuar o som das letras, mas parecia tão exagerado que não obteve êxito.

O método fônico foi rejeitado no século XVIII, no entanto, na contemporaneidade alguns defensores tentam resgatar o trabalho com esse método. Ele é um método que se centraliza na consciência fonológica, primeiro focaliza o som da letra e, posteriormente, sua integração nas sílabas. A dificuldade com esse método reside no trabalho isolado, já que os fonemas, na Língua Portuguesa, são impronunciáveis do ponto de vista do isolamento, terminando por incluir ao som uma vogal que não pode ser ignorada. Segundo Mendonça & Mendonça: “o método fônico pensa que trabalha o fonema, mas na verdade parte da sílaba nasalizada e não do fonema para desenvolver a correspondência grafema/fonema consonantais” (Ibid., p.23).

Outro método que surgiu foi o silábico, criado na França, esse método foi e é um dos mais utilizados na alfabetização, com o intuito de unir consoantes com vogal para formar as sílabas. Nesse método, são ensinados os nomes das vogais e das consoantes e, em seguida, trabalha-se na sala de aula com as famílias silábicas, após a construção das sílabas inicia-se a formação de palavras. Nesse método as sílabas são apresentadas prontas sem preocupação com a relação entre os sons e a junção das letras. É centrado na memorização.

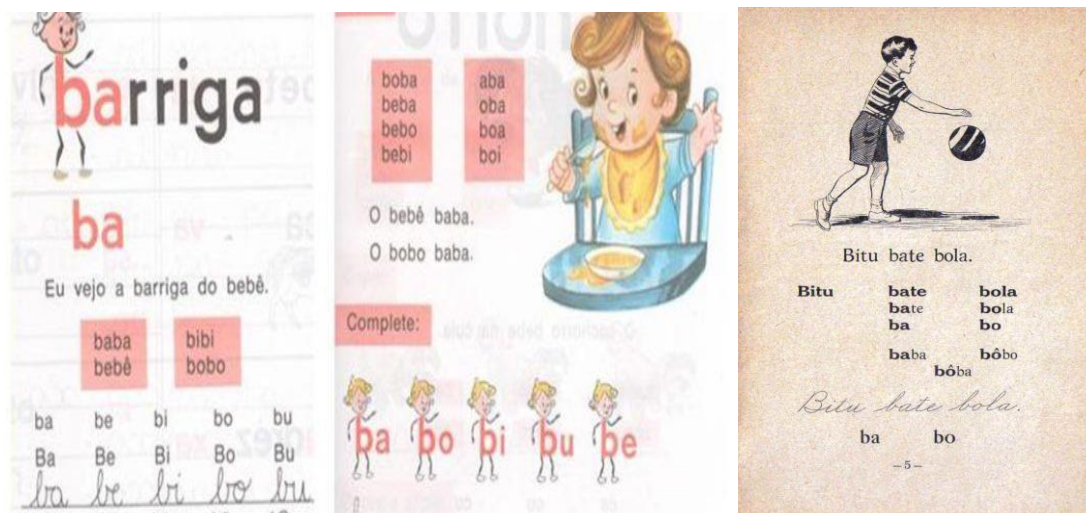
Na modernidade, contrapondo-se aos métodos até então apresentados, surge o método global que traz em suas características o contexto geral da escrita, necessário para uma criança começar a ler e escrever, apresentando inicialmente o texto e o papel da escrita, portanto evidencia o contato com a palavra escrita. O método global compreende que a criança aprende mais rápido se aprender a palavra inteira, também dá importância a divisão da palavra em sílabas, mas nessa proposta parte do texto para as frases e destas para as palavras e suas sílabas (1996 *apud* MENDONÇA & MENDONÇA, 2008).

O método global divide-se em Palavração, Sentenciação e Textuais. A Palavração parte da palavra e somente depois a palavra começa a ser fragmentada, estudando as famílias silábicas de cada sílaba encontrada na palavra, por exemplo: a palavra Lama (LA- LE- LI- LO- LU e MA- ME- MI- MO- UM), e, posteriormente, começará a fazer as ligações silábicas, encontradas nas palavras estudadas.

No século de XVI surge a cartilha, recurso que mediou os processos de alfabetização por muitas décadas no Brasil. As suas primeiras versões impressas foram feitas em Lisboa, já aqui no Brasil eram vindas de Portugal. Esse recurso, muito utilizado pelos professores, apresentava como característica principal a repetição de letras e palavras, centrando-se na memorização dos pedaços (letras e sílabas) que formam as palavras, além de pequenos textos ou frases que, de modo muitas vezes forçado, tentava evidenciar palavras direcionadas pela sílaba apresentada, por exemplo “O boi baba” ou “O bebê come bife”. A imagem 1³ ilustra os modelos de cartilha utilizados nesse período:

IMAGEM 1 - Cartilhas e o Processo de Alfabetização

³Imagens retiradas obtidas no endereço eletrônico: <http://jottaclub.com/2017/05/baixar-em-pdf-cartilha-caminho-suave/>



FONTE: <http://jottaclub.com/2017/05/baixe-em-pdf-cartilha-caminho-suave/>

Ao analisarmos as práticas na contemporaneidade vemos que ainda temos professores que costumam trabalhar a repetição das sílabas, propondo um processo de alfabetização centrado na memorização, o que evidencia que mesmo que a cartilha não seja mais utilizada diretamente, na verdade sua proposta metodológica ainda está presente nas práticas de alfabetização. Esse recurso é muito criticado por promover uma aprendizagem pouco significativa, mecânica e fragmentada, além de não estimular os discentes no desenvolvimento da autonomia, construindo as suas próprias experiências com a leitura e a escrita.

No contexto contemporâneo dos métodos de alfabetização a cartilha tornou-se recurso de menor centralidade, pois não consegue atender as necessidades da evolução e dos diferentes perfis de aprendizagens das crianças que adentram o ambiente escolar. O público hoje atendido nas escolas, inseridos na sociedade da informação e do conhecimento, imersos nas novas tecnologias, estão sempre em busca de experiências mais dinâmicas, das sensações advindas das novidades e experiências interativas promovidas pelas novas tecnologias. Querem algo que lhes tragam prazer durante os processos escolares, que não seja uma experiência cansativa, mas sim uma experiência que transforme o modo de comunicação, sabendo a importância de adquirir conhecimentos que serão levados para toda vida.

Portanto, os métodos de ensino constituem processos educativos, fundados nas concepções de sujeito, sociedade, educação, da natureza da atividade educativa e até mesmo das práticas humana no mundo, pois cada sociedade exerce uma relação na compreensão da prática educativa. Assim, pode-se dizer que os métodos de ensino são as ações do professor na

organização das atividades que ele executa em sua sala de aula para atingir os seus objetivos, a partir das crenças e concepções que desenvolve.

Nesse sentido, o professor deve assumir o caráter científico e sistemático do ensino, realizando planejamento de suas ações cotidianas e revisando a proposta metodológica que orienta sua prática. Necessita, portanto, refletir cotidianamente sobre seu fazer, consciente que as escolhas que fez e faz ao longo do processo de ensino e aprendizagem não constituem ação neutra, mas implicadas no modo de conceber a formação humana e o papel político da educação na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos analisar por meio desse estudo a importância que os docentes atribuem à leitura no processo de alfabetização, e quais são as contribuições que esse processo tem na vida social dos indivíduos, gerando práticas transformadoras, instigando-os na compreensão do mundo ao seu redor, propiciando atuar na sociedade como um indivíduo capaz de fazer reflexão das diversas possibilidades de conhecer novas formas de desenvolvimento intelectual e profissional, assim, criando estratégias para o domínio da leitura e escrita, dando sentido de fato à linguagem escrita, demonstrando seu papel no meio social.

Investigamos as práticas pedagógicas das professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental, principalmente, àquelas relacionadas ao processo de alfabetização e à promoção da leitura, na busca de perceber como o vínculo entre letramento e alfabetização vem sendo valorizado nessas práticas, ou seja, o papel da leitura nas formas de ensino nas escolas atuais, assim como buscamos refletir sobre os fatores que dificultam essas práticas mais alinhadas, na perspectiva da indissociabilidade entre alfabetização/letramento.

Esta pesquisa nos possibilitou conhecer a realidade em que os professores trabalham e como eles conseguem realizar as suas aulas e os problemas que são enfrentados no dia a dia da escola, tanto da parte pedagógica como as dificuldades que envolve a participação da família, pois todos esses fatores citados estão ligados no ambiente educacional, podendo favorecer ou não o progresso do aluno.

REFERÊNCIAS

ABUD, M. J. M. *O ensino da leitura e da escrita na fase inicial da escolarização*. São Paulo: Pedagógica e Universitária, 1987.

ANTUNES, Irandé, *Aula de português: encontro & interação*. 8. ed. São Paulo: Parábola, 2003.

ARANHA, M. L. de A. *História da educação e da pedagogia: geral e Brasil*. São Paulo: Moderna, 2006.

BOGDAN, R. e BIKLEN, S.K. *Qualitative Research for Educacion*. Boston: Allyn and Bacon, 1982.

BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Demográfico 2010*. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em 18 maio 2018.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda et al. *Miniaurélio Século XXI Escolar: o minidicionário da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FERREIRA, Paula. *Brasil ainda tem 11,8 milhões de analfabetos segundo IBGE*. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/brasil-ainda-tem-118-milhoes-de-analfabetos-segundo-ibge-22211755>>. Acesso em 29 abr. 2018.

FERREIRO, Emília. *Alfabetização em processo*. 21. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

FERREIRO, E TEBEROSKY, A. *Psicogênese da língua escrita*. Trad. Diana Myriam Lichtenstein et alii. Porto Alegre: Artes medicas, 1986.

FREIRE, P. & MACEDO, Donaldo. *Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler em três artigos que se completam*. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

_____. *A importância do ato de ler em três artigos que se completam*. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. *A educação na cidade*. São Paulo: Primavera, 1991.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MENDONÇA, Onaide Schwartz; MENDONÇA, Olympio Correa. *Alfabetização: método sociolinguístico: consciência social, silábica e alfabética em Paulo Freire*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

ROJO, Roxane (ORG). *Alfabetização e letramento: perspectiva linguística*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *O ato de ler*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1987.

SILVA, Jaqueline Luzia da. *Letramento: uma prática em busca da (re) leitura do mundo*. Rio de Janeiro: Wakeditora, 2009.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

_____. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo: n. 25, p. 5-17, jan. /abr. 2004.

_____. *Alfabetização: a questão dos métodos*. São Paulo: Contexto, 2016.

SOUZA, Renata Junqueira de. *Leitura do professor, leitura do livro: processos de formação continuada*. UNESP- Presidente Prudente. Disponível em: <www.unesp.br> em 20 de jun. 2018.

TFOUNI, Leda Verdiani. *Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso*. São Paulo: Pontes, 1988.

_____. *Letramento e Alfabetização*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2002.